

O VELHO, DE PARTIDA

JOSEPHINNE

SANDRA LYON

ICB — Medicina — 1º ano

Havia vagado tanto nessa vida, o velho Matias. E exalava tanto por êsse mundo a fora que, aos poucos, foi se curvando sob o pêso dos anos. Era pequena e branca a sua casa. E, num relance geral, podia-se distinguir-lhe o telhadó vermelho brotando por entre árvores e flôres, muitas e muitas, as flôres ao seu redor. A casa ali aprisionada. Os cômodos tão pequenos, já não cabiam tanta velhice. E como solução fêz-se transportar para o jardim: êle, a sua cadeira. Ora um pouco de sol, ora as sombras das árvores iam enchendo os seus dias. Sentiu alegria, viu-se rejuvenescer, reviveu.

Perdida do outro lado, a rua. De vez em vez, espiava, mas espiava só, tímido. Os óculos embaçados e a vista sempre fraca não podia fatigá-la: temia não poder ler os jornais. Um rotineiro passatempo saber do mundo, das coisas lá fora. Os dias eram bonitos, claros e êle temia as noites. Um mêdo horrível que a morte o apanhasse, despercebido, sem que tivesse tempo de despedir das coisas tão suas. Era a vida, quem diria. E Matias se balançava na cadeira com seus pensamentos, as suas lembranças.

De vez em vez uma visita ou outra. Era sempre a mesma conversa: como estava forte, tinha muitos anos pela frente. Matias concordava, fingia acreditar. Sorria num gesto infeliz, todo um sorriso desnecessário. A companhia insôssa se des-



pedindo e êle a olhar demoradamente o mundo ao redor. Queria guardá-lo, todos os detalhes. Nada de imagens sôltas, insensíveis. A paineira até bem pouco tôda florida foi perdendo fôlhas e fôlhas, uma a uma, e êle acompanhou êsse cair, silencioso.

E houve um dia — já vai longe — em que Matias olhou, através da vidraça, as côres do jardim. Saiu devagar. Lá fora o ar gostoso da manhã envolvendo-o. Sentiu-se criança, um garôto aniversariando. Sons vindos de tôdas as partes. Pôs-se à escuta: tocavam strauss e êle valseou por entre os canteiros. As suas flôres ali, tão próximas, plantas que cultivara durante todos os seus dias. Uma vida vegetal a sua. E borboleteou de flor em flor, sentiu-lhes o aroma tão familiar. Uma pétala ali, outra aqui e que reunidas êle podia compor poemas inteiros, num lirismo, hoje, fora de uso. Entardeceu naquele dia, a tarde chegou para Matias, como haveria de entardecer em muitos dias para tôdas as pessoas. Quando sentiu o sol fugir, êle começou a chorar um chôro sentido. As lágrimas foram caindo tantas e tantas que suas feições ficaram murchas, o seu rosto endureceu ali, diante de todos. Sentiu-se só, aniquilado, quando o levaram de volta ao quarto.

O quarto exíguo, uma figura esmaecida. Êle findando-se ao redor de tôdas as coisas. E num instante apenas um vento forte varreu tudo lá fora. Fôlhas e pétalas arrancadas com violência se espalhando. E, numa explosão, levadas para a rua em redemoinho. O jardim aos poucos devastado, não ficara fôlha sôbre fôlha. Apenas uma cadeira de balanço, esquecida.